O sexagenário Severino

A saga do retirante nordestino, que costeou o Rio Capibaribe para chegar ao Recife, poetizada por João Cabral de Melo Neto, completa 60 anos de sua primeira publicação

Por Jr. Bellé

Ilustrações

Mauricio Planel  
  
Severino, quem diria, é hoje um senhor sexagenário: venceu a morte severina – “que é a morte de que se morre / de velhice antes dos trinta, / de emboscada antes dos vinte, / de fome um pouco por dia” –, venceu também o velório institucional da literatura, a fome, a aridez do sertão e até mesmo as enchentes desse nosso novo mundo líquido e excessivo. Há 60 anos, Severino deixou para trás a serra da Costela, nos limites da Paraíba, e ganhou a eternidade da poesia cabralina.  
  
Foi em 1956 que João Cabral de Melo Neto, expoente maior do Nordeste da literatura universal, publicou *Morte e vida Severina – Auto de Natal pernambucano*, sua obra mais conhecida. De acordo com a pesquisadora Janaina de Alencar, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (IFSP), a princípio o poema foi produzido para ser uma peça de teatro. Ele foi escrito entre 1954 e 1955 por encomenda de Maria Clara Machado, então diretora do Teatro   
O Tablado, no Rio de Janeiro. “Ao receber o texto, ela optou por não o encenar; para Maria Clara, a peça não era um auto de Natal legítimo e o teatro não contava com os recursos técnicos necessários para a encenação.” Como o texto foi criado como um poema, João Cabral teve de ajustar apenas alguns pormenores antes de publicá-lo em *Duas águas*, uma antologia que incluía textos inéditos, entre eles *Morte e vida Severina*. “João Cabral pensava que o texto pudesse ser modificado durante o processo de montagem, para ir melhorando e corrigindo. Como a montagem não aconteceu, o texto ficou, na visão do autor, fraco e pouco trabalhado. Ele sempre se mostrou insatisfeito que este tivesse se tornado seu poema mais famoso.”  
  
A primeira vez que o texto de Cabral se tornou efetivamente uma peça foi em 1957, pelo Norte Teatro Escola do Pará, em Belém. Mas sua encenação mais conhecida aconteceu em 11 de setembro de 1965, poucos meses após o golpe militar. Foi a estreia do Auditório Tibiriçá e também do Tuca, grupo de teatro dos estudantes da PUC, com direção de Silnei Siqueira e Roberto Freire e música composta por um moleque de vinte e poucos anos chamado Chico Buarque de Holanda. Após apresentações no Rio de Janeiro e em São Paulo, a peça foi para a França, onde recebeu o grande prêmio do IV Festival Mundial de Teatro Universitário na cidade de Nancy, em maio de 1966. “João Cabral, que não gostava de música, era bastante receoso com a adaptação do poema, pois achava que os compositores agiam de forma arbitrária e deturpavam os poemas para se adaptar à melodia. No entanto, quando se trata da adaptação de Chico Buarque, o poeta se disse deslumbrado com o resultado. Para ele, 90% do sucesso da peça foi devido à música”, conta Janaina.  
  
Ao poetizar o trecho triste e irrecuperável do retirante Severino, que costeou as margens do Capibaribe e a secura do sertão para chegar ao Recife, João Cabral escrevia para o povo. Ou assim desejava, conforme contou em entrevista a Geneton Moraes Neto, em 1986: “Quando escrevi *Morte e vida Severina*, tinha a impressão de que seria uma coisa tão popular quanto os romances do Nordeste, os romances de cordel. Quando o livro saiu, vi que quem me elogiava eram intelectuais. Eu lembro do entusiasmo de Vinicius de Moraes. Eu disse: ‘Vinicius, não escrevi pra você! Pra você escrevi outras coisas!’. Eu tinha a impressão de que estava escrevendo aquele poema pro povo. Quase me danei...”. Este trecho foi incluído na reedição especial de 60 anos da obra, recém-publicada pelo selo Alfaguara e que ainda conta com fotos das apresentações do Tuca feitas por Hiroto Yoshioka.  
  
Para Inez Cabral, filha do poeta, o que há de mais admirável em *Morte e vida Severina* é o fato de a obra conseguir falar de um assunto denso como a miséria e a injustiça social, sem cair na comiseração, e, sobretudo, sem ser panfletário. “O livro continua atual, já que nada mudou para essa população sertaneja, que continua vivendo a mesma situação de seca e miséria. Espero que um dia a vida melhore para esses brasileiros. Era isso que meu pai devia querer ao denunciar essa situação.”